

Revista Brasileira de Odontologia Legal – RBOL

ISSN 2359-3466

<http://www.portalabol.com.br/rbol>



Revisão de Livro Clássico – Classic Book Review

TÍTULO: MAKING FACES – USING FORENSIC AND ARCHEOLOGICAL EVIDENCE

Autores: John Prag e Richard Neave.

Editora: Texas A&M University Press.

Ano (Edição/Páginas): 1997 (1ª edição/256p)

Linguagem: inglês.

Revisado por:

Thiago Leite Beaini. Doutor em Odontologia Legal. Professor da Área de Odontologia Preventiva e Social da Faculdade Federal de Uberlândia, Brasil. tbeaini@ufu.br

Janaina Paiva Curi Beaini. Mestre em Odontologia Legal. Professora da disciplina de Odontologia Legal da Universidade Ibirapuera/SP e Saúde coletiva na Universidade Pitágoras/MG, Brasil. janainapcuri@hotmail.com.

DOS AUTORES

Essa é a história dos trabalhos pioneiros da reconstrução da aparência facial de antigas pessoas. O arqueólogo John Prag e o artista e médico Richard Neave dão detalhes em primeira mão da busca por evidência na recriação de semelhanças físicas explicando circunstâncias históricas de cada corpo descrito. Alguns vítimas de morte súbita como sacerdote e sacerdotisa esmagados em um terremoto enquanto realizavam um sacrifício humano em 1700 antes de cristo, ou o homem de Lidow, que viveu na era do ferro e foi encontrado próximo à Manchester em 1984, provavelmente também vítima de sacrifício. Outros viveram pacificamente como Seaianti, uma mulher etrusca cujos restos mortais estão no museu Britânico; e outros são famosos, como o Rei Midas, de Phrygia.

REVISÃO DA OBRA

A obra analisada encontra-se na sua primeira edição, datada de 1997, que possui duas capas: uma para a versão flexível e outra para a capa dura (Figura 1). Este livro, segundo os próprios autores, é um relato da colaboração que não se restringe entre os dois autores pois registra a história dessa parceria em muitos países e em colaboração com muitas instituições e colaboradores. Cita-se o Museu britânico, o Museu de Manchester, museus na Grécia, Turquia e outros. Além de museus, a lista

compreende Universidades, hospitais e uma longa lista de colaboradores independentes que auxiliaram na compreensão e execução dos trabalhos descritos nos capítulos apresentados.

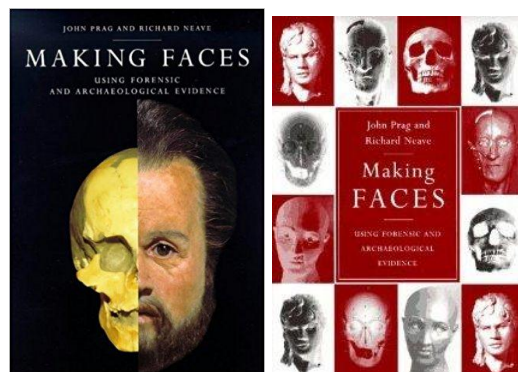


Figura 1 – Capas do livro (versão flexível e capa dura).

Tratando-se de uma coletânea de casos, os capítulos iniciais trazem um pouco da história e das técnicas aprendidas por eles durante os anos, e logo em cada segmento relata-se cada caso.

Making Faces leva o leitor aos bastidores do estudo forense, cirurgia e folclore, revelando como a arte de reconstrução facial oferece uma nova visão do passado.

Quadro 1 – Apresentação das divisões da obra traduzidas para o português

Segmentação da Obra

CAPÍTULO 1

The History of Facial Reconstruction

(A história da reconstrução facial)

CAPÍTULO 2

Facial Reconstruction Techniques and the Forensic Evidence

(Reconstrução Facial: técnicas e evidência forense)

CAPÍTULO 3

Richard Neave's Egyptian Encounter

(A descoberta egípcia de Richard Neave)

CAPÍTULO 4

And a certain man drew a bow at a venture': King Philip II of Macedon

(E um certo homem desenhou um arco: Rei Philip II da Macedônia)

CAPÍTULO 5

King Midas has Ass's Ears?

(Rei Midas tinha uma orelha de burro?)

CAPÍTULO 6

Have I gazed upon the face of Agamemnon? Grave Circle B at Mycenae

(Eu olhei a face de Agamemnon? Círculo de túmulos em Micena)

CAPÍTULO 7

Disaster Victims from Minoan Crete: The Priest and Priestess from Archanes Anemospilia

(Vítimas do desastre em Minoan – Creta: O sacerdote e a sacerdotisa de Archanes Anemospilia)

CHAPTER 8

Bodies from the Bog

(Corpos do pantano)

CHAPTER 9

Mirror, Mirror on the Wall...: Seianti Hanunia Tlesnasa

(Espelho, espelho meu...)

CHAPTER 10

The Case of the Carian Princess

(O caso da princesa de Caria)

CHAPTER 11

'Who will say "corpse" to his vivid cast?

(Quem diria “corpo” na sua presença?)

No Capítulo “A história da Reconstrução Facial” os autores contam como foram encontradas e realizadas as primeiras reconstruções faciais que se tem notícia. A mais antiga delas foi realizada em argila sobre um crânio datado de 7 mil anos antes de Cristo. Encontrada acidentalmente sob uma casa em um sítio arqueológico. Em 1895 foi encontrado o túmulo do compositor Sebastian Bach e sua reconstrução facial foi realizada e comparada a registros. Essa perícia deu início à uma série de outras desempenhadas por anatomistas como His e Welcker. À época, construídas de maneira intuitiva, notava-se a necessidade de referência de tecidos moles. Posteriormente, medidas em cadáveres

foram realizadas em punção direta. Posteriormente, o uso de ultrassom, ressonância magnética e, por fim, a tomografia computadorizada adicionaram novas perspectivas, uma vez que possibilitam a mensuração em pacientes vivos.

Ao centro, figuras coloridas reúnem todos os trabalhos descritos nos capítulos.

No capítulo “Reconstrução Facial: técnicas e evidência forense” os autores descrevem as técnicas desenvolvidas com finalidade forense a fim de facilitar o processo de identificação. Primeiramente, deve-se preparar os crânios para que sejam duplicados em processo de moldagem. Isso se dá frente à fragilidade do material apresentado, mas que requer todo cuidado para fechar espaços e áreas retentivas para evitar retenção do material de moldagem. Os autores demonstram a colocação de marcadores de tecidos moles seguindo as orientações dos pontos utilizados na pesquisa de Rhine e Moore. Uma vez aplicados sobre o modelo do crânio, juntamente com referência para marcação do nariz e boca. A partir daí, relatam a forma de colocação dos músculos que, após anos de utilização, desenvolveram uma ordem de preferência. Iniciam pelo músculo temporal, seguido do masseter, que juntos delimitam o contorno do rosto. Após estes músculos volumosos seguem-se músculos menores como o bucinador e orbicular da boca cujo limite lateral relatam ser relacionado com a borda externa dos caninos e interna das íris (não das pupilas como muitos pensaram no passado). Nesse momento, podem ser delineados músculos da expressão facial como os elevadores dos lábios superiores, o zigomático maior e menor e os abaixadores do lábio inferior. É importante lembrar que estes músculos são delicados e preenchidos com gordura, nervos e vasos entre eles.

O nariz seria a próxima estrutura a ser reconstruída, possibilitando a inserção dos orbitais dos olhos. Alinha-se o endocanto com a fossa lacrimal e ectocanto com protuberância sutil contida na face interna do lateral da órbita. Sobre essa estrutura formada aplicam-se camadas que simulam a cobertura da pele. Após os acabamentos é possível obter uma estimativa da face reconstruída, que as ciências forenses já comprovaram ter relação de semelhança com os indivíduos a ponto de permitir seu reconhecimento.

O capítulo “A descoberta egípcia de Richard Neave” inicia-se relatando que no museu de Manchester há uma coleção de múmias egípcias e que existe ali um grupo de trabalho cuja proximidade com a faculdade de medicina dessa universidade propicia uma grande quantidade de estudos. Lá iniciou-se a parceria entre os autores. Seu primeiro trabalho foi realizado em dois irmãos egípcios que viveram em 1900 antes de Cristo. Suas características antropológicas denunciavam que eram meio irmãos, filhos de pais diferentes. Uma abordagem em duas dimensões foi tentada, seguida de reconstruções em 3D. O grande interesse público levou a novos projetos que culminaram na reconstrução de um crânio fragmentado conhecido como a múmia de Manchester. Àquela época (1975) os autores puderam registrar a múmia em tomografia computadorizada e reconstruir por processo de impressão 3D o seu crânio utilizado na reconstrução.

No próximo capítulo, os autores relatam que na esteira do sucesso e experiência obtida pelos trabalhos nos crânios egípcios, o acaso proporcionou um salto histórico e étnico dos crânios a serem trabalhados: O Rei Philip II da Macedônia. Em um contexto histórico rico, marcado pela mudança da capital da Macedônia de uma cidade para outra, os reis eram enterrados na antiga capital. Muito dos túmulos foram saqueados desde os anos 400 a.c. até que uma grande tumba fora encontrada. Descritos em obras como *Iliada* e *Odisséia*, sabe-se que os corpos dos mortos eram cremados e depois recolhidos. Por isso, o esqueleto analisado encontrava-se bastante fragmentado. Por isso os fragmentos foram moldados individualmente e remontados sobre argila. Só assim pode-se fazer a reconstrução facial que evidenciava uma lesão não tratada na região do olho direito. Essa lesão trata-se de um dos 3 casos em que um homem sobreviveu após ter recebido uma flecha no olho.

No capítulo 5, o próximo trabalho levou os pesquisadores para a Turquia, onde estava armazenado o crânio do rei Midas. Em torno dessa figura histórica reside uma lenda na qual o rei possuía orelhas semelhantes à de um burro ou de um cavalo. A lenda é contada em muitas culturas e não se sabe se há qualquer relação com a verdade. No entanto, a análise de seu crânio mostra alongamento artificial causado por bandagens durante sua infância.

Em contato com médicos e outros estudiosos, concluiu-se que uma possível origem do mito é a condição de crescimento excessivo de pelos na orelha. Dessa forma a reconstrução final retratou um rosto cuja orelha apresenta essa característica.

No capítulo 6 “Eu olhei a face de Agamemnon?” os autores relatam o trabalho realizado em Micenas. A descoberta tratava-se de um túmulo de muitas riquezas e a princípio achou-se tratar do rei Agamemnon, cuja história traz a vitória sobre Tróia 1250 ou 1190 a.C. Estudos posteriores demonstraram que nenhum dos corpos encontrados no sítio arqueológico tratava-se do famoso rei grego, porém tratava-se de alguém de muitas posses e importância. Nesse local, muitos crânios foram encontrados e reconstruídos, tendo como característica marcante a semelhança física entre alguns deles. Ao final, exames de DNA foram tentados nas amostras de crânios com milhares de anos de idade. No entanto, à época em que o livro fora escrito, não havia um resultado e os autores terminam o capítulo que a análise de Micena está longe de terminar.

No capítulo “Vítimas do desastre em Creta, os autores descrevem a escavação de um templo Minoano de características diferenciadas. Ainda mais peculiar é a constatação de que o prédio havia sido destruído em um forte terremoto. Em uma determinada área, três corpos humanos foram encontrados, sendo que dois deles pertenciam à uma mulher jovem e a um homem entre 30 e 40 anos. O homem, alto e de boa estrutura óssea apresentava a perna quebrada pela queda de destroços, durante o terremoto. Este, que posteriormente desvendaram ser um sacerdote, ainda portava suas armas, enquanto a mulher, também sacerdotisa, portava seus adornos característicos. A fragmentação dos corpos e objetos demandou que a equipe abordasse o local como o de um desastre. Após coleta e remontagem dos crânios fragmentados, realizaram a reconstrução facial dos dois sacerdotes. Primeiramente o fizeram sem cabelos, e posteriormente com cabelos, inspirados em pinturas e louças decoradas da região.

O capítulo seguinte “corpos do pântano” inicia com uma reflexão de que nada nos remete mais à nossa própria mortalidade que o encontro de um corpo. Foi em 1984 que um corpo fora recuperado

após passar centenas ou milhares de anos submerso em uma sopa química, natural dos pântanos da Grã Bretanha. A descoberta de um corpo, ou fragmento nessas mesmas condições em pântanos parecidos não era novidade na Inglaterra, Escócia e Irlanda. No entanto, o que foi chamado de “Homem de Lindow” foi um dos mais estudados até aquele momento. Até mesmo seu corte de cabelo foi analisado, uma vez que fora realizado de maneira grosseira, pouco antes de sua morte, em um época que tesouras ainda eram itens raros.

Havia traços de comida em seu estômago, tão bem preservados quanto o restante do corpo, que data da era do aço. Os pesquisadores construíram a hipótese de que fora uma morte ritual, na qual um garrote teria sido amarrado em seu pescoço e sua cabeça recebera dois fortes golpes. O garrote fora apertado até quebrasse o pescoço e um corte em sua garganta, acima do garrote, foi feito com intuito de recolher o sangue represado na cabeça. Imagens de radiografia foram utilizadas para analisar seu crânio deformado pelos golpes a fim de possibilitar a reconstrução em um modelo que restabelecesse a forma.

Inspirados pelo trabalho realizado na Inglaterra, uma descoberta holandesa do século XIX foi analisada. Diferente do “homem de Lindow”, que havia sido recentemente retirado da lama, a “garota de Yde”, como foi conhecida, fora recuperada mais de 100 anos atrás. Foi feito um modelo 3D de seu crânio que permitiu a reconstrução facial. Seus olhos afastados e boca larga davam uma característica intrigante à face estimada.

A face dos Etruscos não é bastante conhecida e os autores indagam se seria um semblante que os distinguiria dos demais povos mediterrâneos. No capítulo “espelho, espelho meu” conta-se a história de um corpo feminino encontrado em uma tumba preservada ao oeste de Chiusi na Itália. Foi descoberta em 1886 com os restos mortais de uma mulher. Seu sarcófago apresentava uma escultura de corpo inteiro em bom estado de

preservação. Na escultura apresentava-se jovem e vaidosa, enquanto a tumba guardava um corpo com vários sinais de deterioração por conta da idade. Em particular, sua saúde dental era ruim. Várias extrações de molares e uma lesão óssea, causada por uma cárie que expôs o canal. Acreditam que essa mulher deve ter sofrido com dores e infecção. Efeitos conhecidos atualmente, relacionados à perda dentária, eram visíveis. Extrusão dentária, angulação e desgastes da ATM foram constatados. Após a reconstrução perceberam grandes diferenças entre a face reconstruída e a imagem no sarcófago. Não se sabe se o artista deliberadamente não objetivou a semelhança, ou se trata-se de um objeto funerário comprado.

O “Caso da princesa de Cária” contextualiza que cerca de 377 a.C. Mausolus, um dos maiores governantes da época transferiu sua capital de Mylasa para a região onde hoje é a cidade de Bodrum, na Turquia. Nos dias de hoje, uma construção se deparou com pedras características que guardavam a entrada de tumbas. Não otimista de que estas teriam escapado os saqueadores no passado, seguiram com a abertura, deparando-se com criptas bem preservadas.

Muitas avaliações foram realizadas até que se descobriu ser o corpo de uma mulher a quem remeteram ser de Ada I. Uma descendente do rei Hecatomnus. A reconstrução foi realizada sem cabelos ou adornos, mas baseado em esculturas da princesa, adicionaram um adorno de cabelo que era característico da princesa.

Em muitos casos, os autores misturam a descrição histórica com técnicas de arqueologia e levantamento de evidências sem deixar de detalhar a técnica em reconstrução facial.

Embora não seja um livro texto que permita o leitor aprender a técnica desde o básico, trata-se de uma obra para aqueles estudam e se aprofundam nos temas relacionados à Reconstrução Facial Forense ou arqueológica.